



# RISCO DE BURNOUT EM CUIDADORES DE POLICIAIS MILITARES DE ALAGOAS E A NECESSIDADE DE VALORIZAÇÃO DOS QUADROS DE OFICIAIS DE SAÚDE E ESPECIALISTAS

Autores: **Suzana Mara Fontes Cunha** – Maj QOS PM  
**Marcelo Oliveira Silva** – Cel QOS PM  
Polícia Militar de Alagoas

## INTRODUÇÃO E OBJETIVO

Observou-se nos últimos anos o decréscimo significativo de efetivo de oficiais de saúde (QOS) e especialistas (QOE) na PMAL, ao mesmo tempo em que as demandas de saúde cresceram, juntamente com o aumento de efetivo e campanhas de conscientização da tropa. Por isso, considerou-se importante investigar os profissionais que prestam assistência aos PMs, para verificar em que condições estão de lidar com a sobrecarga de demandas e as consequências disso. O objetivo do presente estudo foi, portanto, avaliar se os oficiais QOS e QOE da PMAL estão em zona de risco de burnout e correlacionar esse possível risco com questões da Corporação, que devem ser pensadas e modificadas, em prol da saúde desses cuidadores dos policiais militares.

## METODOLOGIA

A pesquisa realizada no presente estudo foi do tipo aplicada, descritiva, bibliográfica e de levantamento (PRODANOV & FREITAS, 2013). A abordagem metodológica foi a quali-quantitativa, unindo a pesquisa bibliográfica sobre o tema e a aplicação de questionários com análise de resultados, cujos sujeitos foram os oficiais QOS e QOE da PMAL na ativa. Buscou-se iniciar a análise bibliográfica com o tema da saúde do trabalhador – com ênfase na síndrome de burnout – e, posteriormente, apresentou-se a situação atual dos quadros QOS e QOE na PMAL, para embasar os dados analisados a partir dos questionários aplicados.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando as vagas previstas no quadro organizacional da PMAL para oficiais de saúde (QOS) e especialistas (QOE), em janeiro de 2020 a ocupação estava em 30,8% do total, com tendência exclusiva de queda a cada ano, por não haver concurso para ingresso previsto. De uma amostra total de 46 oficiais, 35 responderam a um questionário, em que foram perguntados sobre o quanto é característico de seu trabalho aquilo que Benevides-Pereira (2014) considera fator de risco para desenvolver a síndrome de burnout. Destacou-se que, das 20 perguntas, 06 tiveram como resposta de maior frequência “muito característico”, nos seguintes moldes:

- Ajuda e prestação de assistência - 91,4%;
- Condições precárias no ambiente físico de trabalho - 74,3%;
- Sensação de pouco apoio organizacional - 65,7%;
- Relação próxima e/ou intensa com clientela atendida - 57,1%;
- Normas rígidas que impedem inovações/excesso de burocracia - 48,6%;
- Graves consequências civis e penais para seus atos, trazendo grandes responsabilidades - 37,1%.

Outras 07 perguntas tiveram 2/3 ou mais de respostas entre as categorias “muito característico” e “característico”:

- Pouco controle e participação nas decisões - 80%;
- Falta de retorno/*feedback* - 74,3%;
- Sentimento de injustiça e falta de equidade nas relações de trabalho - 71,4%;
- Clientes atendidos multiqueixosos, depressivos e/ou com ideação suicida - 68,6%;
- Divergência entre sua visão e a de seus superiores acerca do papel profissional que deve desempenhar - 68,6%;
- Formas de ascender a postos superiores pouco claras ou quase inexistentes - 68,6%;
- Pouca autonomia, liberdade de ação e independência profissional - 65,7%.

Dejours (2015) aponta que a inflexibilidade da organização do trabalho gera adoecimento, pois o trabalhador precisa sentir-se capaz de intervir na forma que o trabalho é organizado. Constatamos a falta de autonomia em vários itens com destacada incidência nas respostas: pouco apoio organizacional, normas rígidas e excesso de burocracia, sobrecarga, alteração frequente de regras, pressão exacerbada etc. Somando-se os resultados ao principal fator de risco para desenvolver síndrome de burnout (trabalhar prestando assistência a outros), constata-se que temos um corpo de Oficiais QOS e QOE, responsáveis por cuidar da saúde da tropa, sob forte risco de adoecimento pelo desenvolvimento da síndrome de burnout.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que oficiais QOS e QOE da PMAL, cuidadores da tropa, estão expostos a fatores de risco de desenvolvimento da síndrome de burnout de maneira significativa. Caso entrem em nível de esgotamento, a tropa, que reconhecidamente possui uma das atividades mais estressantes e adoecedoras, perderá seu ponto de apoio e assistência. É urgente que a PMAL atue preventivamente cuidando dos cuidadores da tropa, eliminando ou minimizando fatores de risco; proporcionando melhorias nas condições do ambiente de trabalho; instituindo uma política de valorização do trabalhador; reestruturando normas e procedimentos burocráticos, facilitando a fluidez do trabalho; e dando autonomia aos oficiais QOS e QOE, item de destaque na política de valorização.

Nas teorias da administração utilizadas por empresas privadas, a valorização do trabalhador é buscada por gerar “lucro”. No caso específico aqui estudado dos oficiais de saúde e especialistas da PMAL, a valorização do profissional que cuida da tropa gera oferta de serviço com qualidade, evitando afastamentos ou PMs no serviço externo sem as mínimas condições de saúde. Consequentemente, gera a oferta do serviço de segurança pública com qualidade para a população.

## REFERÊNCIAS

- BENEVIDES-PEREIRA. Burnout, por quê? Uma introdução. In: BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. (Org.). **Burnout**: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.
- DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo da psicopatologia do trabalho. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- MINAYO, M. C. de S.; SOUZA, E. R. de; CONSTANTINO, P. **Missão Prevenir e Proteger**: condições de vida, trabalho e saúde dos policiais militares do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.